

Antilla.¹

Fabio Morais

Antilla, 2011

42 fotografias digitais laminadas coladas sobre painéis de madeira, 500 cm de diâmetro (50 x 75 cm, cada painel).

Obra comissionada para a 8ª Bienal do Mercosul, Ensaios de Geopoética, Porto Alegre, 2011.

Em 1978, o Instituto Cubano de Geodesia y Cartografia editou um Atlas de Cuba em comemoração ao “XX Aniversario del Triunfo de la Revolución Cubana”. Esta edição tem um assumido teor político-ideológico ao enaltecer estatísticas que traduzem o sucesso da revolução e é um exemplo de como a cartografia não é uma representação neutra. O atlas possui 97 mapas distribuídos em cinco partes: Recursos Naturais, Economia, População e Cultura História e Geografia Geral. O projeto gráfico desta edição, com cores e desenhos extremamente sedutores para o olhar, parece ser uma forma de convencer, também esteticamente, a respeito do sucesso e otimismo do país sob o regime socialista.

Escolhi no Atlas de Cuba a cidade de Antilla, com pouco mais de 12 mil habitantes, localizada ao leste da ilha. Como todo o mapa evidencia hierarquias (a Inglaterra no centro do Mapa Mundi é o clássico exemplo), escolhi uma região de Cuba pouco “importante”, nada turística, onde provavelmente nunca irei e onde provavelmente pouca gente irá. Para mim, os mapas e os atlas têm essa característica: são um acúmulo de lugares onde jamais irei.

Fotografei a região onde se localiza Antilla em 42 diferentes mapas do Atlas de Cuba. A soma das imagens traça um voo circular sobre a região, como um voo de reconhecimento. O ângulo e o uso do foco simulam o ponto de vista de alguém que fotografa da janela de um avião, tratando cada mapa como uma paisagem panorâmica. Imagens aéreas têm um distanciamento semelhante ao da cartografia em relação à paisagem: quem vê um mapa não estabelece uma experiência direta com a região representada, assim como quem sobrevoa um lugar.

Cada um dos 42 mapas representa um tema, que vai desde o tipo de solo ou indústria química, até fatos históricos da colonização e da revolução. Porém, nas fotografias não são reproduzidas as legendas que explicam as cores, os desenhos, os grafismos e os símbolos cartográficos. É indicado apenas o título

¹ Texto extraído do blog do autor: <http://fabio-morais.blogspot.com/2011/09/antilla-2011.html> (01/11/2019).

do mapa, revelando seu tema. Sem os códigos que o traduzem, o mapa passa a ser uma massa de formas, cores e visualidade, como uma paisagem real. A leitura de todos os títulos, pelo observador, dá a ideia de nação pretendida pelo Estado, mas a falta de legendas faz da representação gráfica desta mesma ideia de nação, uma paisagem sem significados além de cores, formas e alguns símbolos identificáveis.

A instalação dos painéis é no chão, o que reforça o ângulo aéreo das imagens e cria ainda um estranhamento, já que mapas devem estar na parede, embora apresentem sempre uma visão aérea, não perpendicular a quem observa. A configuração circular da instalação é análoga ao sobrevoo também circular que as fotografias dos mapas simulam sobre a região, sugerindo que o observador, ao deslocar-se em redor, repita este sobrevoo. O círculo fragmentado refere-se também às obras clássicas da *land art* do anos 70, na qual desenhos, geralmente geométricos e com predominância do circular, eram feitos com fragmentos naturais da paisagem: pedras, gravetos, folhas, terra, etc. Já em Antilla, a instalação é formada pelo uso de fragmentos de representações de paisagem: os mapas.